

HUELLAS DEL PASADO EDUCATIVO

Cenas e memórias da visita ao meu antigo colégio

Kazumi Munakata¹



Imagem 1. Colégio em construção.

Fonte: Acervo Eliana Kanazawa.

¹ Graduado em Filosofia (Universidade de São Paulo), magister en Historia (Universidade Estadual de Campinas) e doutorado en História de la Educación (Pontificia Universidade Católica de São Paulo). Es docente del Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, de la Pontificia Universidade Católica de São Paulo. Contacto: [kazumi.munakata@gmail.com].

No portão de entrada, eu me apresento às garotas e aos garotos que montam a guarda do colégio. Entrego-lhes os mantimentos que havia comprado num supermercado próximo e assino uma lista de presença. Dizem-me que é para aguardar ali e alguns se afastam. Fico ali com dois ou três alunos, entre eles, uma garota que se interessa pela minha história. Conto-lhes que eu havia estudado ali, muito tempo atrás, nos anos 60 do século passado, algo impensável para a jovem interlocutora, que balbucia algo como *Ó lôco!*

Tempos depois, os rapazes retornam e sou autorizado a entrar. Eles têm essa autoridade pois há alguns dias, desde 2 de dezembro de 2015, ocupam o Colégio, assumindo totalmente o seu controle. É uma das últimas escolas a serem ocupadas pelos estudantes —*ocupação, não invasão*, insistem em diferenciar. Como um incontrollável tsunami, o movimento das ocupações iniciou-se em 9 de novembro de 2015, após o fracasso dos protestos e das negociações dos estudantes visando impedir a *reorganização escolar*, proposta pelo governo do Estado de São Paulo —na realidade, fechamento de 94 escolas e remanejamento de mais de 300 mil alunos. A primeira escola ocupada foi em Diadema, cidade considerada periferia de São Paulo. No dia seguinte, 10 de novembro, foi a vez da tradicional Escola Estadual Fernão Dias, em Pinheiros, um elegante bairro de classe média em São Paulo. Muitas outras escolas públicas do Estado de São Paulo foram sendo ocupadas sucessivamente: ao todo foram 213.



Imagem 2. Portão de entrada da Escola Estadual São Paulo, com faixa anunciando a ocupação.

Fonte: Acervo Jornalistas Livres.

O espaço do meu antigo Colégio parece muito menor do que quando ali estudara. Mas esse foi o sentimento que também tive ao visitar o Jardim de Infância e a Escola Primária que frequentara. Em geral, as escolas encolhem à medida que crescemos... Era tão pequeno assim o ginásio de esportes, cujo formato lembra disco voador, onde tínhamos aula de Educação Física? E o pátio, onde passávamos o recreio jogando bola? Mas o Anfiteatro ainda impressiona pela imponência. E a Biblioteca? Onde estão as estantes e os livros? Os estudantes que me guiam dizem que ali agora funciona o refeitório.

Na época em que eu estudei, a escola chamava-se Colégio Estadual de São Paulo (CESP). Havia sido criado em 1894, com o nome de Gymnasio de São Paulo, também conhecido como Primeiro Gymnasio da Capital. Passou por outras denominações até que em 1956 recebeu o nome que eu conhecia; em 1985, Escola Estadual de Segundo Grau de São Paulo; e, depois que incorporou o primeiro grau, simplesmente Escola Estadual de São Paulo. Mas para mim e para os membros da Associação de Ex-Alunos do Colégio Estadual de São Paulo (AEACESP), a escola será sempre Colégio Estadual de São Paulo, o CESP.

Os meus guias me levam para o prédio onde ficam as salas de aula. Onde estão os laboratórios? Os alunos dizem que não há laboratórios. Mas, eu me lembro, havia laboratórios muito bem equipados, embora, na minha época, praticamente já não fossem utilizados. Mostram-me, então, uma sala, que dizem estava trancada, com estantes repletos de instrumentos de laboratório: tubos de ensaio, bicos de Bunsen, pipetas, provetas etc. Em seguida, abrem uma outra sala que estava lacrada: livros jogados no chão, amontoados, abertos, arregaçados, amassados. Mostram-me um livro manuscrito com registros administrativos, datado de final do século XIX ou início do século XX, também abandonado ali como entulho. Eis o acervo da Biblioteca que cedera seu espaço para o refeitório.



Imagem 3. Livros da Biblioteca espalhados e amontoados em uma sala.
Fonte: Acervo Jornalistas Livres.

O Colégio nem sempre esteve instalado naquele lugar, no Parque Dom Pedro II, inaugurado em 1922. Hoje, o Parque perdeu o glamour da belle époque que ainda mantinha quando por ali eu passeava na saída do Colégio: os contornos do Parque são indefinidos e seu espaço foi tomado pelos viadutos, estação de ônibus, lixo, muito lixo, com assaltantes e traficantes, enfim uma área urbana degradada e muito perigosa.



Imagem 4. Vista aérea do Parque Dom Pedro II, na época da construção do Colégio (à esquerda).

Fonte: Acervo Vicente Almeida.

Até chegar ali, o Colégio passou por várias localidades, até que em 1958 transferiu-se para essa construção atual, modernista, formada por dois prédios com salas de aula, um ginásio de esportes com um teto semi-esférico, uma biblioteca e um grande anfiteatro. Lembro-me que havia um gabinete dentário, mas já sem uso. Uma sala abrigava o Interact, uma espécie de seção juvenil do Rotary Club, para onde se refugiou a festa da minha turma quando fomos coletivamente suspensos. No anfiteatro realizavam-se as comemorações de aniversário do Colégio, em que se apresentou, em sua desastrada carreira, a banda de rock na qual eu era baixista. Ali também aconteciam sessões do cineclube, que até chegou a passar *Os Companheiros*, de Monicelli. Junto ao portão de entrada, funcionava o Grêmio estudantil, que tinha conquistado a prerrogativa de usar o sistema de som para tocar música nas horas de intervalo, ecoando por todo o pátio. Assim escutei pela primeira vez The Doors e outras bandas internacionais, que colegas mais abastados mandavam trazer do exterior. Mas o alto-falante foi censurado logo que numa manhã o intervalo foi inundado com os gemidos de Jane Birkin em *Je t'aime... Moi non plus...*



Imagem 5. Maquete do Colégio Estadual de São Paulo, projeto de Rubens César Madureira Cardieri e Rubens Freitas Azevedo.

Fonte: Acervo Lucylene Shimizu.

Naqueles anos 60, os ares sombrios da ditadura já se faziam sentir no Colégio. Um grupo de professores, com status de catedráticos, foi denunciado como *subversivos* —algo impensável— e afastados. Um professor de História introduziu um grupo religioso de extrema-direita, a Tradição, Família e Propriedade, para fazer proselitismo anti-comunista na sala de aula. Ele também convocou os alunos a não faltarem à aula no dia 31 de março, quando deveríamos escrever uma redação em homenagem à *Revolução*, em comemoração a mais um

aniversário do golpe militar. Neste dia, em vez de ir à aula, fui assistir ao filme *O Teorema*, de Pier Paolo Pasolini.

Cerca de cinquenta anos depois, o governo de São Paulo insistia em promover uma *reorganização escolar*, à revelia da comunidade escolar. A ocupação das escolas pelos alunos conquistou o apoio dos pais e de amplos setores da sociedade. Os estudantes organizaram atividades nas escolas ocupadas, promovendo a limpeza, a manutenção e até mesmo o conserto das instalações; plantaram hortas e jardins; realizaram ações culturais e educacionais, com participação de professores e agentes culturais, que *doavam* aulas e oficinas. Músicos, cantores e artistas apresentavam-se nos palcos improvisados; personalidades apareciam para cozinhar para os estudantes, que formaram grupos de trabalho —segurança, limpeza, comunicação, cozinha, etc.— para manter em funcionamento o dia-a-dia da ocupação. Também saíam às ruas para protestar e eram violentamente reprimidos pela polícia. A imprensa, especialmente a chamada *mídia alternativa e independente*, noticiou fartamente o movimento, chegando a produzir vários vídeos e documentários, muitos dos quais podem ser vistos no Youtube, bastando procurar por *ocupação das escolas* (em português).

Em 4 de dezembro de 2015, o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, anunciou a *suspensão* (mas não o cancelamento) da *reorganização escolar*. O secretário da Educação exonerou-se do cargo. Em assembleias realizadas nas escolas, os

estudantes decidiram sair das ocupações. Mas a *reorganização escolar* vem sendo implementada sorrateiramente, sem alardes. Em 2016, o movimento das ocupações espalhou-se pelo Brasil inteiro, atingindo mais de 1.000 escolas. O principal alvo era a Proposta de Emenda Constitucional nº 241 (*a PEC da Morte*), que fixava limite para gastos do governo federal para áreas sociais (inclusive a Educação) nos próximos 20 anos. Mas havia também questões locais entre os objetivos do movimento.

Última etapa da visita ao meu antigo Colégio, sou levado à cozinha da cantina, situada entre os dois prédios de salas de aula. Os estudantes já almoçaram e estão dividindo um bolo. Não falam mais comigo; parece que o assunto já se esgotou. Despeço-me, então, e vou cruzando o pátio. Lembro que ali, em frente à biblioteca, em 1968, fui abordado por duas meninas bem novas, mas certamente secundaristas, que disseram ser do Colégio de Aplicação. Era também época de ocupações das escolas e elas arrogantemente anunciaram, sem esconder uma ponta de desprezo: *Sabe que ocupamos o nosso Colégio? Não somos uma escola reacionária como vocês!* Não sei para que elas disseram isso. Mas, agora, ao atravessar o portão da minha antiga escola, saio de cabeça erguida, com muito orgulho: reacionário..., pois sim!

São Paulo, novembro de 2019.